

Ñ Ñ Nos Matar Agora

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, 144p.

William Roslindo Paranhos¹

Jota Mombaça, Monstra Errátik e MC K-trina são alguns dos nomes utilizados pela artista, bicha não-binária, natural de Natal/RN, que atualmente, com 31 anos, vive entre o Brasil, Lisboa e Amsterdã, trabalhando por meio de uma escrevivência² poética interdisciplinar que une a performatividade, a escrita, as artes visuais e os campos teóricos cuir (*queer*) e anticolonial, provocando tensões entre a ética, a estética, a arte e a política normatizadas.

*Ñ Ñ NOS MATAR AGORA*³ é formado por textos que foram escritos pela autora em determinados momentos de sua vida, sempre partindo de experiências pessoais somadas à ficção, nos quais promovem-se tentativas de tensionar e quebrar as naturalizações. Em genuína abertura, Mombaça mostra-se íntima, dolorosa, porém potente e ávida por desestruturar os preceitos sociais que ferem e matam. Sim, matam, mas não vão nos matar agora. Que morte é essa? Ela é única, imutável, ou podemos ensaiar outras formas, outras possibilidades de fim de mundo? Podemos e devemos. Para tanto, a autora aposta no exercício da ficção especulativa, traçando uma linha de fuga que é margeada pelos encontros e afetos, bem como no quase-conceito⁴ conceito

¹ Doutorande no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Engenharia e Gestão do Conhecimento pelo PPGECC da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coautore do livro: "Diversidades: O Bê-Á-Bá para a Compreensão das Diferenças". Pesquisadore do Giros Curriculares (UERJ/CNPq) e Grupo EDUSEX (UDESC/CNPq).

² Escrevivência é um quase-conceito, cunhado por Conceição Evaristo, que se constitui a partir de nossas vivências, de pessoas próximas, e que podem se misturar com a ficção, marcada pela coletividade e ancestralidade presentes na escrita, tornando-se uma estratégia contra-colonial.

³ Não vão nos matar agora.

⁴ Partindo de perspectivas derridianas.

de redistribuição da violência⁵. Ela também aposta na necessidade de nomear a norma, afirmando que aquilo que não se nomeia já goza do privilégio de não ser questionado.

O prefácio, *Cartas às que vivem e vibram apesar do Brasil*, inicia com a seguinte sentença: “É a última vez que falo sobre isso: o mundo tá acabando. De novo” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 13). Numa espécie de conclame, a artista busca criar um diálogo com as subalternizadas, lembrando casos de violência que assolam o país. “Não vão nos matar agora, apesar de que já nos matam. [...] Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. [...] Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata” (p. 13-14). A artista marca a postura que se tornará evidente em toda a obra, encarando de frente os reflexos de um país colonizado e colonializador, submisso e dominante, que mata e asfixia aqueles que estão às margens, mas que ainda assim não consegue conter a potência existente na experiência de quem ali se encontra. Afinal, são histórias de ancestralidade que circunscrevem novos corpos e novas vivências.

Na quebra. Juntas é o primeiro texto do livro, onde a autora quebra com a noção de inteireza, a qual seria necessária aos corpos e vidas dissidentes, por meio da analogia da quebra. Remetendo-se a um vidro estilhaçado em mil pedaços, é no movimento do estilhaçar errático, que torna algo desordenado e incompreensível, onde se encontra potência de ação, bem como na multidão de pequenas partículas que inauguram a possibilidade de existências outras em conjunto, uma “multidão de minorias” (Paul PRECIADO, 2011). Chegamos ao marco 0, *O mundo é meu trauma*, espaço em que Mombaça expõe sua nudez, não corpórea, mas subjetiva, assegurando que na atividade do mover-se/morrer-se há força, mesmo quando se está morta. Vidas precarizadas não morrem, pois “se manifestam umas nas outras” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 28), espalhando-se de forma rizomática.

⁵ É um projeto de justiça social que deve ser performada por aqueles para quem a paz nunca foi uma possibilidade (Jota MOMBAÇA, 2021).

Posteriormente, no capítulo -1, *A coisa tá branca!*, Mombaça discorre a respeito da apropriação do quase-conceito de “lugar de fala” e questiona: quem tem o direito à fala? Com certeza não são as pessoas que estão “na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação” (Lélia GONZALEZ, 1984, p. 225). É fundamental tecermos uma análise crítica acerca dos privilégios, os quais devem ser postos em xeque, redesenhando a economia política que estrutura a sociedade entre vidas privilegiadas e desprivilegiadas, repensando os limites existentes entre/nas alianças. Da apropriação do quase-conceito cria-se uma “confusão⁶” entre lugar de fala e lugar de cala, ou seja, quando o mesmo é utilizado para silenciar enunciações outras. Os movimentos de lugar de fala, consoante à Mombaça (2021), estão operando em favor da redistribuição da violência ao desestabilizarem as normatizações.

O capítulo -2, *Para uma greve ontológica*, reúne três episódios, onde Mombaça denuncia os roubos da arte subalterna, prática colonialista sustentada na extorsão ontológica (Rodney WILLIAM, 2020), que vem sendo atrozmente reconfigurada como um processo de “inclusão”. Somos convidadas a “ocupar espaços” onde poderemos falar, tão somente, sobre nossas diferenças, apagando outras potencialidades. Em paralelo, devemos correr contra o tempo, pois qualquer infortúnio que venha a ocorrer será fruto de nosso pouco esforço. Instaure-se, então, o advento da ansiedade “em nome da reprodução [de uma] economia da ameaça” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 56), onde somos novamente re-patologizadas por meio de diagnósticos. O “fim do mundo” mercantilizado seria, nele mesmo, o desenvolvimento de uma transição que possui um fim, e nosso papel de ativismo passa a ser o de quebrar substantivos, tornando-os verbos; transição passa a ser, então, transicionar, algo que não possui uma marca final, tal qual descolonizar; criam-se estratégias continuadas de destruição, inaugurando questões como: “‘Como desfazer o que me tornam’ e, ainda, ‘como desmontar o imperativo de ser’” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 61)?.

⁶ Por que não chamar de “uso perverso”?

Em *Escuro e não representação - sobre NoirBLUE*, de Ana Pi, capítulo -6, Mombaça realiza análises em torno da performance da bailarina, investigadora, coreógrafa e artista da imagem, Ana Pi, a qual, segundo a autora, projeta estrategicamente releituras do futuro com base no presente, em “suas relações fodidas” e “brechas radicais” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 104), desafiando noções materializadas pelos locais de poder e possibilitando a articulação de visibilidades que não devem buscar, em sua totalidade, uma transparência que as coloque à mercê dos projetos especulativos hegemônicos.

Mombaça cria um paralelo com *Parable oh the Sower*⁷ de Octavia Butler no capítulo -7, *Lauren Olamina e eu nos portões do fim do mundo*. Lauren é a protagonista da obra e para quem o fim do mundo será algo trágico. O cenário não deve ser encarado, no entanto, de maneira pessimista, mas de forma que torne possível o refazimento cartográfico da catástrofe; não se trata do fim da história, tornando-se necessário formar uma consciência estratégica que permita modificar as rotas e ensaiar fugas. Diante do paralelo criado, Mombaça retorna à tese da ficção especulativa, tornando possível “representar do futuro aquilo que já está em jogo no presente” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 111), pois “[s]e o futuro está para ser moldado, e o presente é colapso, esgotar o que existe é a condição de abertura dos portões do impossível” (p. 112).

A *Carta cifrada a Castiel Vitorino Brasileiro* está presente no capítulo -8, constituindo-se na transcrição de uma correspondência enviada por Mombaça à Castiel, artista, escritora e psicóloga clínica, em 17 de março de 2019. A carta inicia com referência à destinatária “Bicha”, dando a impressão de que a autora busca acolhida na experiência de quem possui uma trajetória próxima a sua, marcada pelas opressões advindas do “cistema” branco-cisgênero-heterossexual-classista-corponormativo, asseverando que a ingenuidade não é um luxo que vidas subalternizadas podem se dar, afinal todas devem viver em estado de alerta como prerrogativa para que continuem

⁷ BUTLER, Octávia. **Parable oh the Sower**. Nova Iorque: Grand Central Publishing, 2019, 368p.

vivas. Ademais, invoca a ancestralidade ao dizer que seus corpos são esquartejados intergeracionalmente, os quais tornam-se testemunhas de que a busca de qualquer tipo de integridade só se torna possível com base na aliança.

O último capítulo, -9, é *O nascimento de Urana*. Com base no título, pode-se deduzir que a artista cria um paralelo com a obra de Paul Preciado, *Um apartamento em Urano*⁸. O texto ficcional nos convida ao embate. Nele, é contada a história de alguém que iniciou seu processo de transição no ano de 2017, e que agora vive em 2039, momento em que ocorre uma guerra. É impossível ler os trechos criados por Mombaça e não recordar de *1984*⁹ e *A revolução dos bichos*¹⁰, onde são apresentadas ficções que tecem críticas aos sistemas políticos/econômicos que disciplinam corpos e vidas. Urana constitui-se em uma analogia à patologização/medicalização por parte de dispositivos políticos que impedem o acesso aos processos de transição, culminando na busca de possibilidades junto ao mercado paralelo, no qual qualquer tipo de segurança é utópico: “[p]ara muitas de nós, a única forma de nascer nesse tempo [2017] era ainda travando um pacto com a morte” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 121). O “cistema” extermina qualquer tipo de vida terrestre que não compreenda o padrão binário centrado na reprodução, incluindo vidas de outros reinos, remetendo ao *O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*¹¹. Percebe-se uma intensa queerização/cuierização do texto, de onde emergem signos interseccionais, como sexualidades, ecologia, gêneros e raça, além de percebê-los enquanto ativismos políticos necessários ao rompimento das normas. Pessoalmente, percebo que sua potência atinge o grau máximo no fim, quando a artista escreve: “[...] minha transição havia se

⁸ No livro que traz passagens sobre seu processo de transição, Preciado tece críticas e propõe análises em torno dos processos contemporâneos biopolíticos da normatização. PRECIADO, Paul. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 320p.

⁹ ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 416p.

¹⁰ ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 152p.

¹¹ HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, 192p.

completado e eu já era nada. E em sendo nada, eu finalmente podia ser qualquer coisa. E tudo” (Jota MOMBAÇA, 2021, p. 128).

Os textos apresentam a perversidade com que o “cistema” evolui, tornando-se cada vez menos perceptível. Por outro lado, tonificam a prática da imaginação/ficção como instrumento necessário para que se construam futuros outros, que se distanciem da história que já está sendo contada e a qual já se espera. No caso das violências, por exemplo, é de extrema importância que apresentemos e divulguemos os números de assassinatos de pessoas trans*¹² no país, o qual continua a ocupar o primeiro lugar no ranking mundial neste crime. Contudo, quais outros números propositivos que apresentamos acerca dessa população? Quais outras histórias contamos? Estamos em pleno exercício criativo a fim de que seja possível romper com esses números e construir outras histórias que não estejam relacionadas à violência? Mombaça nos convida a encarar o que está acontecendo hoje: o mundo está acabando ao mesmo tempo que já acabou. Não temos mais tempo. É hora de ir à luta, porque ainda estamos vivos, mesmo estando mortos!

Referências

- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje** (s.n.). [S.l.], 1984, pp. 223-244.
- PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas** (19). Florianópolis/SC, 2011, pp. 11-20.
- WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo, Editora Jandaíra, 2020, 208p.

Recebido: 17/07/2023

Aceito: 20/08/2023

¹² Utilizo o asterisco (*) a fim de não fechar nenhum tipo de identificação com a experiência trans - transexuais femininas e masculinas, transgêneres, travestis, não-binários...